

RAMOS, Jarbas Siqueira. A festa como recriação do mundo: a vivência no Terno de Catopês de Bocaiúva. Salvador (BA): Universidade Federal da Bahia – UFBA; Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGAC; Mestrando; Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Denise Maria Barreto Coutinho; Montes Claros (MG): Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes; Professor Contratado. Ator, Diretor, Professor.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir o conceito de festa, procurando compreender a sua funcionalidade de recriação do mundo. Para tanto, nos propomos a realizar uma interpretação a partir de um olhar Etnocenológico, sobre esse conceito nas Festas dos Ternos de Catopês de Bocaiúva, tendo como instrumentos metodológicos a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo. Ao entender a festa como memória de uma sociedade ou grupo social e sua função de recriação do mundo vivenciado em um espaço mítico-religioso e extracotidiano, buscamos afirmar a sua importância nos processos de afirmação da identidade e do pertencimento. Organizamos as nossas ideias em três partes: na primeira, apresentamos algumas das principais considerações acerca do conceito de festa; na segunda, debatemos sobre a festa como memória e recriação do mundo; na terceira, apontamos essas questões nas Festas dos Ternos de Catopês de Bocaiúva. Finalizamos este trabalho indicando a importância da festa como recriação do mundo para os Catopês. Essa discussão é um esforço teórico para entendimento do conceito de festa, que contribui na fundamentação de nossos estudos sobre Ritual nos Ternos de Catopês de Bocaiúva.

Palavras-chave: Festa. Memória. Recriação do Mundo. Terno de Catopês de Bocaiúva.

ABSTRACT

This paper aims to discuss the concept of Party, seeking to understand the functionality of recreating the world. To this end, we proposed to perform an interpretation, from a look Ethnoscenology on this concept in the Party of the Terno de Catopês de Bocaiúva, with the methodological tools in literature and field research. To understand the Party as a memory of a society or social group and its role in rebuilding the world lived in a mythical space-religious and out everyday, we affirm its importance in the process of affirmation of identity and belonging. We organize our thoughts into three parts: in the first one we present some of the key considerations regarding the concept of Party; in the second, we debate about the festival as memory and recreating the world; and in the one, we demonstrate these issues in the Party of the Ternos de Catopês de Bocaiúva. We conclude this paper by showing the importance of the Party as recreation of the world for Catopês. This discussion is a theoretical effort to understand the concept of the Party, which contributes to the reasons of our studies on Ritual in the Ternos de Catopês de Bocaiúva.

Keywords: Party. Memory. Recreating the World. Terno de Catopês de Bocaiúva.

Compreendendo o conceito de festa

As festas podem ser consideradas como uma das mais importantes constantes sociais, sendo uma manifestação fundamentalmente humana. De diferentes maneiras, as pessoas e as sociedades festejam: festeja-se a vida e a morte; o santo e o senhor; a plantação e a colheita; o início e o fim.

Com toda a sua complexidade, a festa traz à tona uma gama de signos, símbolos e elementos que, segundo Eliade (2008) apresentam o seu caráter sagrado, interpenetrado de características profanas.

Das fundamentações em termos teóricos, temos em Duvignaud (1983) uma das mais significativas contribuições para a formulação do conceito de festa. Ele apresenta a festa como uma manifestação que quebra a sequência do cotidiano, tendo a capacidade de despertar os sentidos humanos em meio a uma “subversão exaltante” (DUVIGNAUD, 1983, p. 31).

Para o autor, as festas são finalidades nelas mesmas, podendo ser consideradas, assim como aponta Mauss (1981), formas sociais totais. Duvignaud (1983) afirma que a lógica interna da festa somente pode ser compreendida no curso de sua própria manifestação. “Nesta ocasião, ela sai do domínio da percepção, não obstante a sua amplitude por intermédio do reconhecimento das ‘dimensões ocultas’ para penetrar a esfera do imaginário” (DUVIGNAUD, 1983, p. 66).

Duvignaud (1983) apresenta uma festa de caráter transgressor; como uma manifestação capaz de destruir toda a regulamentação e de colocar o homem diante de um universo sem normas, que facilitam o desvelamento de uma “libido” humana natural. O autor afirma que a existência deste elemento orgástico é o principal responsável pelo acontecimento da festa e que ela acontece em espaços existenciais diferenciados, pois tem a capacidade de se apoderar “de qualquer espaço onde possa destruir e instalar-se. A rua, os pátios, as praças, tudo serve para o encontro de pessoas fora das suas condições e do papel que desempenham em uma coletividade organizada” (DUVIGNAUD, 1983, 68).

Guarinello (2001) procura defender a festa como uma estrutura do cotidiano, definindo-a como uma produção humana, caracterizada por ser

[...] uma ação coletiva, que se dá num mesmo tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade (GUARINELLO, 2001, p. 972).

De acordo com Lobato (2008), Guarinello “não compreende o cotidiano como a dimensão do particular, mas sim o espaço e o tempo concreto das realizações sociais” (LOBATO, 2008, p. 15). Neste sentido, a festa, enquanto uma ação

coletiva que produz identidades diversas, é parte desse cotidiano e capaz de unificar as diferenças e de ressaltar os conflitos e as tensões da sociedade.

Enquanto esses dois autores fundamentam em seus conceitos uma festa da libido, da subversão, do desregramento e da digressão, onde o jogo de máscaras e expressões transforma o cotidiano em busca de um “mundo reconciliado”, encontramos em outros autores o pensamento da festa enquanto uma manifestação do mundo sagrado em um tempo e espaço especiais.

Brandão (1989) compreende que as festas caracterizam-se por seu caráter religioso¹. O autor afirma que a festa seria a manifestação do sagrado, tendo como objetivo principal a ligação do mundo material (cotidiano) com o mundo do sagrado (religioso-tradicional). Se a festa é a manifestação do sagrado, e “a manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo” (ELIADE, 2008), então podemos afirmar que a festa também tem como função a recriação ou refundação do mundo.

É ao compreender a festa como uma manifestação da religiosidade humana que possibilita a reatualização da dimensão existencial que Eliade (2008) aponta que

Toda festa religiosa, todo Tempo litúrgico, representa a reatualização de um evento sagrado que teve lugar num passado mítico, nos “primórdios”. Participar religiosamente de uma festa implica a saída da duração temporal “ordinária” e a reintegração no Tempo mítico reatualizado pela própria festa (ELIADE, 2008, pp. 63-64).

A festa como recriação do mundo

A festa, entendida como uma manifestação religiosa, resume toda a expressão de fé de uma sociedade. É na realização das festas e na vivência do sagrado, que as sociedades guardam o que há de mais significativo em relação à sua concepção do mundo diante da devoção divina. Conforme nos aponta Gomes e Pereira (1988), “trata-se de uma religiosidade que estrutura o coletivo a partir do conhecimento do eu histórico, mítico e social” (GOMES e PEREIRA, 1988, p. 109).

Neste sentido, Gomes e Pereira (1988) apontam que

A religião surge no momento da festa como a força que chega ao homem humilde sem reduzi-lo a um mero repetidor de fórmulas e orações. A festa reinstaura o espaço mítico onde a fé se apresenta em sua acepção mais profunda, integrando o homem com o seu semelhante e com Deus (GOMES e PEREIRA, 1988, p. 100).

A festa religiosa é celebrada em função da reatualização do espaço e tempo sagrados, como momentos de comunhão da sociedade, em intervalos da vida cotidiana, nos quais é possibilitado o reavivamento da história local, transmitido por meio das narrativas orais. Assim, a festa religiosa assume a sua função de

¹ Para efeito de nosso estudo, entendemos, assim como Durkheim (1996), a religiosidade como “[...] um sistema solidário de crenças e práticas relativas a coisas sagradas” (DURKHEIM, 1996, p. 32), capaz de reunir pessoas com os mesmos objetivos.

“recriação do mundo”, de reatualização de uma memória coletiva que resiste ao tempo.

Os rituais vivenciados na festa indicam a visão de mundo narrada nos enredos que são transmitidos de uma geração a outra. Para Durkheim (1996), os ritos têm como função lembrar o passado e torná-lo presente por meio de uma verdadeira representação dramática. Para ele, as festas são celebradas, ritualizadas, “[...] porque os antepassados a celebraram, porque todos estão ligados a ela como a uma tradição muito respeitada e porque saem dela com uma impressão de bem-estar moral” (DURKHEIM, 1996, 412).

Seguindo o pensamento de Durkheim (1996), percebemos que realizar os ritos religiosos significa muito mais que apenas reviver o passado;

[...] é reconhecer que sua autoridade se confunde com a autoridade da tradição, coisa social em primeiro lugar. Celebram-no para permanecerem fiéis ao passado para preservarem a fisionomia moral da coletividade, e não por causa dos efeitos físicos que ele pode produzir. Assim, a maneira mesma pela qual os fiéis os explicam deixa transparecer as razões profundas das quais procede (DURKHEIM, 1996, 404).

Durante a realização das festas os passos dos antepassados são revividos nas práticas rituais dos festejos. Assim, tempo e espaço também são recriados durante a realização da festa, possibilitando o retorno ao Grande Espaço e ao Tempo Sagrado. Dessa maneira, “revisitar e reviver colocam os descendentes em comunhão com os primeiros familiares” (GOMES e PEREIRA, 1988, p. 159).

É nesse sentido que a recriação do espaço e tempo, vivenciados durante a festa, garantem o reavivamento da memória e o reencontro com as tradições, preservadas nas práticas rituais com toda a sua complexidade de significados.

A festa dos Ternos de Catopês de Bocaiúva (MG)

No que se refere ao universo do Congado², as festas devem ser entendidas como festas religiosas marcadas pelo calendário. As festas de calendário podem ser percebidas como momentos cerimoniais em que a ordem da estrutura social pode ser confirmada ou as relações entre os indivíduos podem ser restauradas.

Para Damatta (1997), as festas religiosas marcadas pelo calendário seriam momentos extraordinários que, em contraste com a rotina da vida cotidiana, apresentam valores que são considerados demasiadamente positivos.

Ao falarmos do mundo congadeiro, consideramos que estamos tratando de uma religiosidade cristã católica que, num processo de hibridização, absorveu

² Para Lucas (2002), o Congado é uma manifestação de origem luso-afro-brasileira que, num processo de hibridismo cultural, tornou-se uma cultura de fronteiras ou, como aponta Martins (1997), uma cultura de encruzilhada.

os cultos de negros africanos e descendentes dos escravos, configurando e modelando uma nova forma de culto caracterizada pela realização de festas de devoção. Conforme aponta Mendes (2004), acerca das tradições religiosas do Congado,

Essa forma de manifestação religiosa é constituinte do *catolicismo popular* que engendra um sentimento de coletividade circundada por um arcabouço mitológico repleto de crenças e ritos, mas que não exerce sobre seus homens os mesmos desejos e obrigatoriedade ritual impostos pela estrutura eclesiástica, impetrada pelo catolicismo oficial (MENDES, 2004, p. 56, grifos do autor).

Em relação aos Ternos de Catopês de Bocaiúva (MG)³, a religiosidade é composta de mitos, ritos, dogmas e cerimônias, que fundamentam as cosmovisões e as ações diante da devoção. Para Mendes (2004, p. 57), “esse sentimento de apego e devoção às entidades do mundo sagrado, e essa prestação aos ritos e às crenças, configuram a força de ligação do homem do Congado com seu mundo ideal”.

É essa relação entre a crença do congadeiro e a experiência do rito, vivenciada nos ciclos das festas e onde é desenvolvido o seu sentimento de fé e devoção, que garante a sobrevivência da prática ritual e o reavivamento dos conceitos e significados assimilados pelo grupo e seus membros.

As festas dos Ternos de Catopês de Bocaiúva possuem a capacidade de organizar os fiéis em torno do santo festejado. Durante as procissões os Ternos recriam o campo social de relações entre casa e rua (BRANDÃO, 1989), expressando os sentimentos de filiação à divindade. Segundo Damatta (1997, p. 105), “nas procissões, todos se irmanam com o santo, e por meio dessa relação (que assume a forma de um elo típico de proteção e mediação) ficam ligados a todos os outros fiéis que também seguem ou veem o santo. O ponto é, pois, relacionar-se com e pelo santo”.

A festa, como recriação do mundo, possibilita ao sujeito catopês colocar-se a serviço do sagrado como uma forma de manter acesa a relação de obrigações morais estabelecidas por seus antepassados em um tempo e espaço sacro-míticos.

³ Na cidade de Bocaiúva, o Congado é representado apenas pela figura dos Ternos de Catopês. Para mais informações sobre os Ternos de Catopês de Bocaiúva, verificar o texto Nas festas dos santos de preto: um olhar sobre o ritual festivo dos Catopês na cidade de Bocaiúva (MG).



Foto 1. Cortejo da Festa de Nossa Senhora do Rosário de 2007.
Fonte: Coleta em pesquisa de campo por Jarbas Siqueira Ramos.

Assim, em relação ao universo dos Ternos de Catopês de Bocaiúva (MG), a festa, entendida a partir de sua função de “recriação do mundo”, é uma dinâmica que mantém os sujeitos identificados ao próprio sentido de sua existência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas/SP: Papyrus, 1989.
- DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ª ed. Rio de Janeiro/RJ: Rocco, 1997.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Coleção Tópicos).
- DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Trad. L. F. Raposo Fontenelle. Fortaleza: Ed. Universidade Federal do Ceará; Rio de Janeiro: T. Brasileiro, 1983.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. Trad. Rogério Fernandes. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes: 2008. (Tópicos).
- GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Negras raízes mineiras: os arturos**. Juiz de Fora/ MG: Ministério da Cultura/ EDUFJF, 1988.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa Trabalho e Cotidiano. In: Jancsó, Istvan e Kkantor, Íris. **Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa**. V.II. São Paulo: Hucitec; Editora Universidade de São Paulo/ Fapesp: Imprensa Oficial, 2001.

LOBATO, Lúcia Fernandes. Festa: uma transgressão que revela e renova. In: Caderno do GIPE-CIT: Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade. **Festas**. N. 20, maio de 2008. Salvador/BA: UFBA/PPGAC, 2008.

LUCAS, Glaura. **Os sons do Rosário**: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**: o reinado do rosário do jatobá. São Paulo: Perspectiva, 1997.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. In: Sociologia e Antropologia. Vol. II. São Paulo: EDUSP, 1974.

MENDES, Jean Joubert Freitas. **Música e religiosidade na caracterização identitária do Terno de Catopês de Nossa Senhora do Rosário do Mestre João Farias em Montes Claros** – MG. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2004.